

Espirais de ilusão: o fascismo eterno sob o crepúsculo neoliberal

Spirals of illusion: eternal fascism in the neoliberal twilight

BRUNO CARNIATO¹

Aos 53 anos, em 1995, um calejado Umberto Eco discursava sobre as características do fascismo na Universidade de Columbia. O potente discurso foi publicado na Revista *The New York Review of Books* (ECO, 2019, p. 5) e posteriormente transformado em livro. Até seus 15 anos de idade Eco já havia vivenciado o governo fascista e sua derrocada. Neste emaranhado de memórias e vivências que o autor nos fornece elementos de alerta, não apenas para o que pode vir, mas, principalmente, para que não se repita.

Ao descrever o fascismo, Eco aponta que, diferente do nazismo, este não era tão “hermético” em sua formação, mas filosoficamente vazio e repleto de arquétipos que o tornam multifacetado. Nesse sentido, o autor aponta 14 características indelévels do fascismo, que não necessariamente se somam, mas cada uma indica um sintoma de sua presença, como relâmpagos que antecedem o trovão: 1 – o culto a tradição; 2 – o tradicionalismo; 3- o irracionalismo; 4 – a repressão às críticas; 5 – a homogeneização do pensamento; 6 – a frustração social; 7 – o nacionalismo vazio; 8 – um inimigo paradoxal (ao mesmo tempo é forte e fraco); 9 – o culto à guerra; 10 – elitismo; 11 – o heroísmo como um culto à morte; 12 – machismo e armamentismo; 13 – populismo seletivo; 14 – a novilingua orwelliana, avessa a qualquer complexidade linguística. (ECO, 2019, p. 44-59).

Perceba que as características apontadas por Eco passam por duas esferas, a do social e a do indivíduo. Deste modo, é limitada a definição de um fascismo que aponta sua crítica apenas para o indivíduo. Pode tal crítica até ser confortável, afinal, se o fascismo está no outro, certamente não está em mim, porém, o conforto não anula seu perigo, pois coloca o crítico em uma posição de julgamento como aquele que detém a definição e a direção e, sem notar, como em um jogo de espelhos, a crítica se volta para o crítico. Por outro lado, também

¹ Acadêmico mestrando do Programa de Pós-Graduação em Filosofia pela UNIOESTE. E-mail: bruno_c_dias@hotmail.com

seria leviano apontar apenas para o corpo social e sua estrutura econômica, que, em que pese de fato é ali que germina o fascismo, porém, não se pode desconsiderar a potência dos afetos que pairam sob o indivíduo, tampouco que é com estes que alimentam o fascismo.

O aspecto multifacetado do fascismo determina a cautela em sua abordagem. O que por um lado foi palpável no início do século XX, já em seu final não é mais. O que se originou como um movimento *sui generis*, dentro do capitalismo, mas antiliberal, anticomunista, mas com afetos revolucionários, anos depois de sua derrota, volta a crescer, agora domesticado pelo neoliberalismo. Aqui, então, é acrescido mais um terreno movediço: nos anos 70, o sul global é semeado com a ideologia neoliberal, acelerando o ritmo da máquina do capital. O lema “*laissez-faire, laissez-passer*” é levado às últimas consequências, transformando-se em “*laissez-faire, laissez mourir*”

Tal qual nas experiências de tortura com eletrochoque conduzidas por Ewen Cameron no período da guerra fria, cujo objetivo era um apagamento da personalidade da vítima a fim de reduzir sua defesa, os Estados Unidos usaram o Chile de laboratório do neoliberalismo onde realizaram seus inúmeros experimentos de choque social. Tendo em vista que até então o ideário neoliberal era extremamente impopular e perdia espaço para o ideário socialista de Allende, portanto, não havendo espaço para a disputa, o poder foi tomado à força. O golpe no Chile, liderado pelos militares, foi o ambiente perfeito para o implemento do neoliberalismo, nas palavras de Naomi Klein (2007, p. 97) “O choque do golpe preparou o terreno para a terapia de choque econômico; o choque das câmaras de tortura horrorizou qualquer um que pensasse em reagir contra os choques econômicos.”

Na terra arrasada pelo golpe militar de Pinochet, abriu-se, então o espaço para a agenda ultraliberal dos *Chicago boys*, encabeçada por Milton Friedman e Friedrich Hayek, ambos apologistas da liberdade econômica absoluta e muito confortáveis aconselhando o ditador. Logo no primeiro ano da experiência a taxa de desemprego subiu para 20%, 74% do poder de compra de um salário-mínimo era suficiente apenas para pão (Pinochet dizia que “luxos” como leite e passagens de ônibus deveriam ser cortados pelas famílias), as escolas públicas foram

substituídas por sistemas de crédito (*vouchers*), a saúde pública foi sucateada e até cemitérios foram privatizados (KLEIN, 2008, p. 112 – 113).

O fascismo, então, é um elemento bem-vindo ao neoliberalismo, o que antes era, ao mesmo tempo, produto e perigo do capital, agora torna-se domesticável. Hayek declarava que “a ditadura poderia ser necessária”. Para Ludwig Von Mises, outro “queridinho” do mercado e dos *Chicago boys*, o fascismo e movimentos semelhantes tinham a melhor das intenções e sua intervenção salvou a civilização europeia (MISES, 2010, p.77). A fala de Mises é confessional aqui: para o capital, o fascismo é a saída de emergência. Como escreveu Galeano (2011, p. 170): “As teorias de Milton Friedman significam, para ele, um Prêmio Nobel: para os chilenos, significam Pinochet”.

O neoliberalismo opera de modo contrarrevolucionário sem a necessidade de uma revolução no horizonte e o fascismo é uma de suas ferramentas. Todo esse *modus operandi* iniciado no Chile é reproduzido em toda a América Latina e, mesmo com o fim das ditaduras, isso não significou o fim do projeto neoliberal, pelo contrário, foi o experimento perfeito para seu desenvolvimento, haja vista que agora não há necessidade de tomar o poder ou fazer uma ditadura, basta ameaçar, brutalizar tanto a sociedade a tal ponto que que a única alternativa aparente seja: neoliberalismo ou fascismo.

Com um corpo social violentamente inebriado, o senso coletivo anestesiado e um individualismo exaltado, a financeirização da vida lubrifica as engrenagens do capital. Os corpos enforcam-se com a corda da liberdade econômica. No plano micro, o sucesso e o fracasso são individuais. No macro, individualizam-se os lucros e socializam-se as perdas. O desejo é pautado pela competição de todos contra todos, buscando, mais do que nunca, a aprovação da mercadoria. Nessa escala, onde a vida se torna um balcão de negócios, a construção de um bem comum é asfixiada, porém, o coletivo não, a questão é que o coletivo, que sente o peso das engrenagens que os esmaga, não se volta contra a máquina, mas sim contra o outro, contra o diferente; onde a expiação da culpa alheia é que abrirá o espaço para a tão sonhada realização pessoal, agora todos são empreendedores de si mesmos ecoando como um slogan medíocre e grudento: “feito pra você!”.

Todo esse ecossistema neoliberal inaugura o que Maurizio Lazzarato chama de “era do homem endividado”. Após o triunfo das instituições financeiras nos anos 70, estas inauguram uma nova fase de exploração, moldando um corpo social conduzido pela relação entre credores e devedores. “*A estratégia da dívida foi posta em prática inicialmente com um duplo objetivo: recuperar o que o Ocidente tinha perdido por causa das lutas anticoloniais e disciplinar as subjetividades nascidas das revoluções anti-imperialistas*” (LAZZARATO, 2019, p. 51). É como se a partir disso o ser humano nascesse com um código de barras, paga-se para desfrutar a vida, paga-se para destruí-la, agora há duas certezas: a morte e a dívida, e a morte também deverá ser paga.

O campo das subjetividades é atingido de forma lacerante, a dívida financeira também é uma dívida moral. Cada indivíduo carrega a sua própria culpa e vigia a do outro, afinal toda essa angústia há de ter um motivo e é nesse momento que os afetos entram em campo. A brutalização da alma torna-se então quase inescapável, o direito à dignidade, escrito no papel, na verdade deve ser adquirido com outro papel. Enquanto isso o cotidiano se torna um de *vortex* amarguras: nos cortamos para cabermos nas roupas; durante oito horas por dia devemos polidez à pessoas que não nos respeitam; engolimos humilhações que se acumulam e explodem no coração como uma bomba de fragmentação de micro plásticos invisíveis ao olho nu (MOORE, 2022). Ao fim do dia, este fel do cotidiano alimenta a máquina do capital, afinal, a amargura também é lucrativa.

Nas redes sociais prazer e ódio se misturam, quanto mais agressivo, maior a recompensa. A estrutura destas redes se torna um instrumento de poder, um poder tão forte que pode determinar resultados de eleições, tudo isso passando por uma dinâmica de afetos muito bem gerenciada. Nesse sentido, as redes sociais reproduzem bem o governar no neoliberalismo, os verbos não são mais ditar, mandar, executar, mas sim, sugerir, induzir, instigar. Preserva-se uma aura de democracia enquanto se produzem desejos fascistas sob medida.

Todo esse aparato nubla a visão do horizonte, confunde os sentidos, trazendo uma realidade, na qual o algoz opera de maneira cínica e as vítimas são acusadas de paranoia. Nesta linha, os esforços de resistência também são fragmentados e capturados pelo gerenciamento dos afetos, em um cenário na

qual a própria palavra revolução se perdeu e esquerdas se digladiam na busca de um “purismo” revolucionário ou se limitam à busca de um “capitalismo com desconto”. Enquanto o apego à uma Revolução distante destoa do cenário atual e contempla uma classe trabalhadora uniforme nos moldes do início do século XX, o apego ao *status quo* do capital, mirando apenas em sua reforma, beira um conservadorismo conformista, que traz paliativos, mas não vai à raiz dos problemas. Por outro lado, ironicamente, há um ideário fascista que opera tanto com um afeto revolucionário e com perspectivas de constituição de uma identidade, almejando uma utopia torpe e entrópica. Por ser próprio do neoliberalismo operar de modo a desorganizar e governar pela desordem, o fascismo se torna um elemento domesticável, haja vista que os aparatos do poder se encontram de maneira muito mais sofisticada e difusa.

Por fim, aqui não se pretende deixar apenas um olhar pessimista. De fato, o cheiro do fascismo paira no ar. Uma análise crítica da conjuntura atual não nos dá o luxo da ingenuidade. Isso, porém, não significa o fim da luta e da esperança. Pelo contrário, a democracia é uma disputa constante e se ainda não há dominação é porque resistimos. O olhar para um panorama sombrio nos fornece ferramentas não apenas para combatê-lo, mas também para criar horizontes de um modo que os novos horizontes, de um mundo verdadeiramente livre, nos conduzam a viver plenamente como flores matinais colhidas ao entardecer, que já não são tão doces, mas ainda mantêm seu perfume (XUN, 2021).

207

Referências

- ECO, U. *Fascismo eterno*. Trad: Eliana Aguiar. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2019.
- GALEANO, E. *Dias e noites de amor e guerra*. Trad: Eric Nepomuceno. Porto Alegre: L&M, 2011.
- KLEIN, N. *A doutrina do choque: a ascensão do capitalismo de desastre*. Trad: Vania Cury. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.
- LAZZARATO, M. *Fascismo ou revolução? O neoliberalismo em chave estratégica*. Trad: Takashi Wakamatsu e Fernando Scheibe. São Paulo: N-1 edições, 2019.
- MOORE, A. *Palavras, magias e serpentes*. Trad: Andrio J.R. Santos e Eneias Tavares. Rio de Janeiro: Darkside Books, 2022.

XUN, L. *Flores matinais colhidas ao entardecer*. Trad: Yu Pin Fang. Campinas: Ed. Unicamp, 2021.

Submissão: 01. 09. 2023 / Aceite: 30. 09. 2023